



Medievalis

v. 14, n. 1 (2025)

“Os filhos de Odin” de João Barbosa Rodrigues: o imaginário viking na Amazônia

| 1

Márcia Haydée Andrade Gutierrez¹

Resumo: Durante o séc. XIX o Brasil passa por um processo intenso de construção de sua nacionalidade, principalmente durante o segundo reinado. A criação do IHGB (Instituto Histórico Geográfico Brasileiro) impulsiona uma série de expedições pelo país. Este artigo visa analisar como se deu este processo no contexto Amazônico sobretudo no trabalho de João Barbosa Rodrigues e suas crenças de que os Vikings teriam estado na região e seus habitantes seriam, possivelmente, herdeiros de seus conhecimentos e herança genética. Diante essa possibilidade, foram analisados documentos e periódicos como o Manuscrito 512 e o estudo da revista Ensaio de Sciencia “Antiguidades do Amazonas de João Barbosa Rodrigues” bem como de acervos online do IHGB, da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e do Senado Federal. Da parte bibliográfica cria-se uma discussão com autores como (Johnni Langer, 2014; François Laplatine, 1997; Cornelius Castoriades, 1982, dentre outros). Conclui-se que o imaginário brasileiro do final do XIX esteve atrelado a uma busca pela explicação da formação da sua identidade nacional, considerando possibilidades hoje vistas como impossíveis de terem acontecido, mas que nos servem de base para se compreender como os aspectos étnico raciais naquele período influenciaram nos resultados desta tentativa de exaltar povos em detrimentos de outros, e que impactam até mesmo as pesquisas e a forma como vemos nossa sociedade nos dias atuais. Com relação as Vikings, podem-se compreender como os mesmos começaram a adentrar em nossos estudos, e que porventura o interesse em estudá-los iria formar a área que conhecemos hoje por Escandinávica.

Palavras-chave: Vikings; Amazônia; Séc. XIX; Cidades perdidas; João Barbosa Rodrigues.

Abstract: During the century XIX Brazil goes through an intense process of construction of its nationality, mainly during the second reign. The creation of the IHGB (Instituto Histórico Geográfico Brasileiro) spurred a series of expeditions across the country. This article aims to analyse how this process took place in the João Barbos context mainly and his beliefs that the Vikings will have been in and its inhabitants are, possibly, the heirs of the region of their knowledge and genetic inheritance. In view of this possibility, documents and periodicals such as Manuscript 512 and the study of the journal Ensaio de Sciencia “Antiguidades do Amazonas de João Barbosa Rodrigues” were analysed as online des of the IHGB, the National Library of Rio de Janeiro and the Federal Senate. From the bibliographic part, a discussion is created with authors such as (Johnni Langer, 2014; François Laplatine, 1997; Cornelius Castoriades, 1982, among). It can be concluded that the national imaginary at the end of the 19th century was related to a search for an explanation of the formation of their identity, considering the national views they came from as impossible, but which serve as a basis for understanding today how racial ethnic aspects period influenced the results of this attempt to exalt societies in other infamous societies, and that even impact research and the way we see our research today. Regarding the Vikings, it is possible to understand how they began to enter our studies, and that perhaps the interest in studying them would form the area we know today as Scandinavistics.

Keywords: Vikings; Amazon; 19th century; Lost Cities; Joao Barbosa Rodrigues.

¹Mestra em Comunicação, Linguagens e Cultura (UNAMA-Universidade da Amazônia), dedica-se ao estudo e pesquisa nas áreas de Escandinávica, Música e Ilustração

Email: marcia515.mh@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5895526508124611>.





Introdução

O presente trabalho visa analisar, a partir de documentos históricos (Manuscrito 512; aprox. 1753 e Antiquidades do Amazonas; 1876) e fontes bibliográficas (LANGER, 2014; GUTIERREZ, 2022; IHERING VON HERMMAN, 1911; FLORA FERREIRA e MORI SCOTT, 1987) o imaginário novecentista do Brasil de construção da nação a partir da criação do IHGB, que levou a busca por comprovações de que diversas civilizações teriam estado no Brasil e feito parte de nossa herança enquanto Brasileiros. Principalmente com o foco na pesquisa do botânico João Barbosa Rodrigues e sua tentativa de comprovar a vinda dos Vikings ao Brasil, que inspiraram outros pesquisadores no século seguinte a apostar nesta teoria, como sendo verdadeira. Assim, como maneira de melhor compreensão do que se pretende neste trabalho, na sua primeira parte é analisado o contexto de criação do IHGB, sua consolidação no governo de Dom Pedro II, e seus principais membros, relacionando com a produção de um imaginário sociocultural formador do “ser brasileiro”. Na segunda, é abordado sobre o curioso Manuscrito 512 e seu impacto nas pesquisas de membros do IHGB e sua importância na contemporaneidade. Na terceira coloca-se em evidência questões ligadas a vida e carreira de João Barbosa Rodrigues, sua trajetória acadêmica e até o impacto de sua vida pessoal em seu trabalho e, por fim, na última sessão fecho com o trabalho talvez inusitado para muitos sobre quando o mesmo tentou provar a vinda dos Vikings ao Brasil, a partir de seu interesse por outros estudos nesta área, que o levaram até a Amazônia afim de confirmar tal teoria. A conclusão apresenta os resultados deste trabalho afim de mostrar o impacto que pesquisas como a de Rodrigues influenciaram o imaginário brasileiro quanto nação e a imaginação de pesquisadores atuais.

1. A fundação do Instituto histórico geográfico brasileiro: assim surge o IHGB

Em 21 de outubro de 1838 criou-se o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o IHGB, inspirado no Institut Historique, fundado em Paris, em 1834. Membros da "boa sociedade", figuras importantes da elite econômica e literária do Rio de Janeiro, associaram-se de imediato. Desde a sua inauguração o IHGB contou com a proteção de D. Pedro II, expressa por uma ajuda financeira que a cada ano significava uma parcela maior do orçamento do Instituto. Mas foi somente a partir de 1840 que o Imperador, além de participar frequentemente de suas sessões, tornou-se o grande incentivador da Instituição (IHGB.ORG).





Em 15 de dezembro de 1849 foram inauguradas as novas instalações do Instituto, no Paço Imperial. A partir desta data, as reuniões passaram a ocorrer em uma das salas do Paço, o que representou uma maior aproximação do Instituto com o Estado Imperial. A presença de D. Pedro II tornou-se mais assídua, contribuindo para a construção da imagem de um monarca sábio e amigo das letras. Demonstrando seu interesse pessoal pelo Instituto, o Imperador, entre os anos de 1849 e 1889 chegou a presidir cerca de 506 sessões, ausentando-se somente por motivo de viagem (MULTIRIO.RJ).

Aos domingos, membros da elite brasileira, literatos e intelectuais, comprometidos com o processo da consolidação da Monarquia, se encontravam para debater como seria escrita a nossa História, objetivo maior da Instituição. O IHGB desejava criar a História do Brasil destacando suas grandes personagens e heróis, trazendo "à luz o verdadeiro caráter da Nação brasileira". A necessidade de se estruturar a História da Pátria pode ser observada nas palavras de um de seus sócios, Carlos Frederico de Martins, em 1844: "A História é mestra, não somente no futuro como também no presente. Ela pode difundir entre os contemporâneos sentimentos e pensamentos... sobre o patriotismo". Criar uma historiografia para o Brasil significava, portanto, a própria fundação da nacionalidade, a construção da identidade do povo brasileiro (BOUZADA, 2020). Para isso, buscavam no passado os elementos que explicassem o que significava "ser brasileiro". Como seria contada essa História e a quem ela deveria servir naquele momento? Para D. Pedro II, o ensino da História do Brasil, além do sentido de imprimir um caráter brasileiro à nossa cultura, possuía outro significado. Entre nomes, datas e fatos existia um sentido político de sustentação da Monarquia brasileira e da formação da nacionalidade (BOUZADA, 2020).

O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro tornou-se um centro de estudos e de pesquisas, proporcionando ao Imperador levar adiante seu projeto de desenvolver uma política cultural para o país com um nítido "caráter brasileiro". Desde a sua fundação coletava e arquivava os documentos de interesse para a História e Geografia do Brasil, com a intenção de divulgar os conhecimentos destes dois ramos científicos através do ensino público; mantinha correspondência com outras associações estrangeiras; instalava sucursais em outras Províncias do Império; e publicava a Revista do Instituto (DOCS.UFPR).

2. A concepção do fazer imaginário no Brasil novecentista

O imaginário evoca e mobiliza imagens, utilizando de caráter simbólico para criar sua existência, ele se configura em criar a matéria imaginária no plano real, e representa





uma tradução mental de uma determinada realidade exterior, cujo campo da representação ultrapassa as questões intelectuais e cognitivas. É uma criação que ganha vida em um contexto social, político, cultural ou econômico, convivendo assim nas esferas do campo imagético e no campo da realidade social ao mesmo tempo em situações em que o campo das referências representativas somente mentais passa a integrar o corpo real de uma determinada situação criada para um abordar um contexto ou mentalidade em determinada época (LAPLATINE e TRINDADE, 1997).

A historiografia brasileira do séc. XIX influenciada pelo caráter positivista, embarcam na realidade vivenciada por um Brasil que após sua independência busca consolidar sua autonomia quanto território, mas também quanto nação. O grande questionamento era o que é ser Brasileiro e quem eram os Brasileiros após o rompimento com Portugal (CASTORIADES, 1982).

Nesse período o estado buscava a compreensão de como construir a identidade nacional do Brasil, história e ficção vão se misturar mesmo que apresentando incoerências historiográficas, a fim de consolidar e criar a cultura nacional de nosso país, os romances do conto de fundação de uma nação como parte da perspectiva literária da época impulsionam as diversas teorias sobre as questões étnico raciais do Brasil, afim de justificar um presente apontar as direções para o futuro do território nacional, não à toa os homens/narradores do estado da época buscam pela romantização da nacionalidade brasileira que acaba por se tornar a verdade histórica do período (CASTORIADES, 1982).



Figura 1: Capa da Revista Trimestral do IGHB de 1891. Fonte:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Emblema_do_Instituto_Hist%C3%B3rico_e_Geogr%C3%A1fico_Brasileiro.svg.





Com a criação do IGHB, logo vieram a necessidade de espaços de publicação dos trabalhos dos seus membros, dentre elas uma revista que possuía tempo de publicação de forma trimensal, cuja figura acima traz uma capa das edições do ano de 1891.

Uma história curiosa e intrigante que mudaria o rumo das pesquisas deste instituto durante o século XIX foi o Manuscrito 512, que atraiu diversos pesquisadores e curiosos do tema, incluindo Percy Fawcett, arqueólogo e explorador britânico que junto a seu filho Jack foi dado como desaparecido após tentar encontrar uma cidade perdida na Serra do Roncador no Mato Grosso, Fawcett e o filho nunca foram encontrados.

3. O Manuscrito 512 “dá o que falar”

Criado possivelmente pelos Bandeirantes João da Silva Guimarães e Antônio Lourenço da Costa, remonta uma exploração que teria sido realizada em uma cidade perdida no interior da Bahia, cujas inscrições que teriam sido encontradas traziam símbolos até então desconhecidos pelos exploradores, que segundo o professor Barry Fell trata-se do alfabeto grego Ptolomaico. Foram várias as tentativas de explicação para o documento, uma delas de que a cidade pertencia aos Vikings dentre as mais diversas estruturas que foram construídas na cidade até as escritas que nada mais eram do que uma antiga forma de escrita islandesa de acordo com o estudioso Pierre Victor Lerebours em 1841.

A cidade provocou fascínio e com ela o mito de sua existência e a tentativa por encontrá-la permeava a cabeça de muitos na busca pelo desconhecido, até mesmo D. Pedro II ganhou apreço pela história contida em tal manuscrito, após a descoberta do documento por Manuel Ferreira Lagos um funcionário a biblioteca da corte, que entregou na posse do IHGB sendo mais tarde publicado na íntegra na revista do instituto por Januário da Cunha Barbosa um dos fundadores desta instituição. Atualmente o manuscrito se encontra sob posse da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (GUTIERREZ, 2022).





Figura 2: Páginas do Manuscrito 512, em uma delas os símbolos que teriam sido encontrados por João da Silva Guimarães e Antônio Lourenço da Costa. Fonte: <https://cibersistemas.pt/web-stories/manuscrito-512-o-maior-misterio-brasileiro/>.

O Manuscrito 512 se tornou popular no séc. XIX e segue da mesma forma nos dias atuais, devido ao seu caráter misterioso, que, embora sua história tenha sido desvendada no campo acadêmico e científico, ainda desperta curiosidade e teorias de pesquisadores brasileiros e pelo mundo, além de sites de curiosidades que aumentaram a procura pelo mesmo, na figura acima três partes do manuscrito que podem ser acessadas de forma Integral no acervo digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Ao analisarmos o Manuscrito 512 somos levados a estudar sobre uma figura que disse ter provas de que os Vikings teriam vindo ao Brasil na região Amazônica, do qual fora inspirado por este manuscrito e por outros estudos, a buscar provas de sua teoria.

4. João Barbosa Rodrigues

Foi considerado um dos maiores botânicos do Brasil, conhecido especialmente por seu trabalho com orquídeas e palmeiras. Por quase duas décadas foi diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Algo de um polímata, ele era um artista botânico prolífico que também fez contribuições para etnografia, geografia, linguística, zoologia e literatura de seu país. A abreviatura de autor padrão Barb.Rodr. é usado para indicar essa pessoa como o autor ao citar um nome botânico (PEIXOTO, 2012).

Rodrigues tornou-se inicialmente professor de desenho no Colégio Pedro II especializado em botânica, sob a orientação de Francisco Freire Allemão e Cysneiro. Ele começou suas expedições botânicas em 1868 e foi contratado pelo governo brasileiro em 1871 para explorar a bacia amazônica e estudar palmeiras, em parte devido ao patrocínio





de Guilherme Schüch, Barão de Capanema. Esta expedição durou mais de três anos, durante os quais ele desenhou não apenas plantas, mas também animais e artefatos indígenas. No início da década de 1890, ele havia criado cerca de 900 gravuras coloridas de orquídeas brasileiras. Devido à dificuldade de financiamento de uma publicação com ilustrações, Rodrigues publicou descrições de mais de 540 novas orquídeas e 28 novos gêneros sem nenhuma imagem em sua importante obra de dois volumes *Genera et species orchidearum novarum* (1877/1881). Ele então permitiu que outro botânico, Alfred Cogniaux, publicasse versões em preto e branco de cerca de 260 de seus desenhos na *Flora Brasiliensis* de Cogniaux (1893-1906). Quase um terço das espécies incluídas na *Flora Brasiliensis* foram inicialmente descritas por Rodrigues (ARADER GALLERIES)

Cogniaux deu à botânica britânica Harriet Anne Hooker Thiselton-Dyer acesso aos desenhos de Rodrigues em sua posse, e ela copiou cerca de 550 deles para a coleção Kew Gardens antes de serem devolvidos ao Brasil. Infelizmente, os desenhos originais desapareceram em algum momento após a morte de Rodrigues e agora estão perdidos, tornando as cópias de Thiselton-Dyer um recurso excepcionalmente valioso no trabalho de Rodrigues.

Em 1875, Rodrigues publicou *Enumeratio Palmarum Novarum*, descrevendo uma série de novos táxons de palmeiras. Nos anos seguintes, um botânico inglês que conheceu Rodrigues no Brasil, James William Helenus Trail, publicou algumas das mesmas espécies e até reivindicou precedência sobre Rodrigues. Apesar dessa disputa pela primazia, que durou muitos anos, em 1903, Rodrigues publicou uma obra clássica sobre palmeiras, *Setum Palmarum Brasiliensis*. Este foi um levantamento de mais de 380 espécies de palmeiras, 166 das quais foram descritas recentemente. Financiado pelo governo brasileiro, foi impresso na Bélgica e ricamente ilustrado com cerca de 170 aquarelas de Rodrigues (VÁRIOS AUTORES, 2012).

Após a expedição à Amazônia da década de 1870, Rodrigues ficou desanimado com a dificuldade de financiar outra expedição e desviou brevemente para os negócios, administrando uma fábrica de produtos químicos. Pouco tempo depois, foi encarregado de organizar e dirigir um novíssimo Museu Botânico da Amazônia em Manaus, inaugurado em 1883 sob o patrocínio da Princesa Isabel. Fundou um jornal, *Vellosia* (em homenagem a José Mariano de Conceição Vellozo), para divulgar o trabalho do museu; foi descontinuado após a emissão de apenas quatro volumes. Apesar do patrocínio real, o museu teve dificuldades financeiras e fechou em 1890, quando Rodrigues passou a ser diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, cargo que ocupou até sua morte. No auge de seu desenvolvimento, o Museu Botânico da Amazônia possuía cerca de 10.000





espécimes botânicos, quase todos perdidos com o fechamento do museu (HERMMAN VON, 1911, pág. 23-37).

Durante a direção do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Rodrigues construiu uma estufa e biblioteca, desviou o Rio Macaco (cujas águas tendiam a inundar o jardim), abriu e ajardinou novas áreas do jardim, plantou um arboreto, aumentou consideravelmente o tamanho da coleção de plantas vivas, e deu passos para organizar um herbário. Fundou uma revista para publicar o trabalho científico do jardim botânico, o Contributions du Jardin Botanique du Rio de Janeiro. Rodrigues faleceu em 6 de março de 1909, foi casado com Constança Pacca da qual nomeou um gênero de orquídea em sua homenagem de Constantia (FERREIRA e SCOTT, 1987).



Figura 3: Cocos Inajai: Sertum Palmarum Brasiliensium, Ilustração de João Barbosa Rodrigues, 1903.

Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/joo-barbosa-rodrigues-sertum-palmarum-brasiliensium-1903--61291244912337238/>

João Barbosa Rodrigues, era um exímio ilustrador o que conferia um caráter de imagetificação de suas pesquisas, explorando a diversidade de espécies, povos e ambientes do nosso território. Como botânico era a diversidade de plantas que poderiam





ser encontradas no Brasil, que mais fascinava os estudos de Rodrigues como podemos ver na sua ilustração acima, de Cocos Inajai.

Podemos perceber que muitas das pesquisas de Rodrigues foram de fato muito importantes para a criação de espaços voltados para os estudos da flora brasileira bem como de estudos anatômicos de espécies de plantas feitas pelo mesmo, mas Rodrigues fez um trabalho diferente e pouco conhecido em sua carreira no qual se aventurou além de sua área de estudos em busca de compreender uma hipótese formulada por ele de que os Vikings teriam chegado ao Brasil e se instalado na região Amazônica, inspirado pelas explorações e pesquisas da época sobre este assunto, o mesmo parte em busca de respostas, que serão analisadas no tópico seguinte.

5. “A Amazônia Viking” de Rodrigues

Talvez um dos trabalhos mais desconhecidos da carreira de João Barbosa Rodrigues foi o que apresentou a hipótese de que Vikings estariam na Amazônia ou como o mesmo os chama de “os filhos de Odin”. Inspirado por explorações anteriores como a da Ilha do Arvoredo em Santa Catarina e a da Pedra da Gávea no Rio de Janeiro que tinham o intuito de buscar a comprovação da vinda dos mesmos ao Brasil, o pesquisador inicia uma expedição no norte do país em busca de descobrir um mistério sobre um tema que já não caia mais no gosto de pesquisadores e o ressuscita (LANGER, 2004).

O naturalista João Barbosa Rodrigues ficaria conhecido por meio de seu trabalho por resgatar a temática da vinda dos Vikings ao Brasil, após um período em que o tema já parecia não mais provocar interesse nos pesquisadores, porém dessa vez os Vikings teriam ganhado um “novo lar” através de Barbosa: o norte do país. Durante uma expedição pelos rios Trombetas, Tapajós e Jamundá, acabaria por chamar a atenção do pesquisador, por ser o suposto local do mito das Amazonas criado por Francisco de Orellana e Frei Carvajal também inspirado no mito das Icamiabas a tribo de mulheres guerreiras, o local onde o suposto encontro teria acontecido o levou para a cidade de Óbidos, onde encontrou diversos artefatos indígenas mas o que lhe intrigou foram os machados de pedras que para ele não eram produzidos por indígenas já que em sua concepção os mesmos só fabricavam arcos e flechas, sua hipótese o levou a crer que se tratavam dos Vikings devido ao uso de machados em batalhas (GUTIERREZ, 2022).

O naturalista os batizou de “Os filhos de Odin” um processo migratório vindo da Europa para a Groelândia e depois para os Estados Unidos, fizeram com que viessem até a região do continente sul-americano e colonizassem o território e os nativos que aqui habitavam aos poucos foram assimilando a cultura dos nórdicos causando o feito dos





objetos encontrados da pré-história amazônica desde as pinturas e o fazer da cerâmica até a forma de sepultamento (LANGER, 2004).

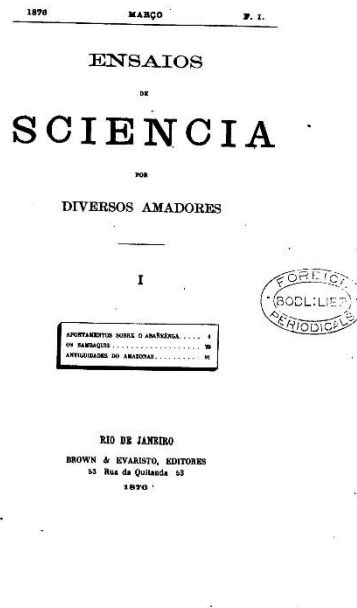


Figura 4: Capa da Revista ensaios de sciencia, com o estudo de João Barbosa Rodrigues, intitulado “Antiguidades do Amazonas”, 1876. Fonte: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/242810>. Acessado em: 07/08/2022.

O fascínio de Rodrigues assim como o de muitos pela busca das origens do nosso território os levou a uma série de estudos que foram formulados a partir de uma perspectiva racial da época. Era mais fácil aceitar descender de Vikings do que de índios e negros, e nem mesmo as comunidades sambaquieiras escaparam, pois o que se encontrava de materiais elaborados para caça e coleta era “fruto de nórdicos da Era Viking”, atualmente a teoria já foi refutada por diversos estudiosos, de áreas como História, Sociologia, Ciências das Religiões, etc. (LANGER, 2004). Mas os estudos de Rodrigues permanecem perpetuados na revista Ensaio de Sciencia (cuja capa se encontra na figura acima) também organizada pelo mesmo, que acabaram por chamar muita atenção na época de pesquisadores nacionais e estrangeiros, inclusive o francês Jacques de Mahieu, autor da obra Vikings no Brasil, 1976.

É possível notar a presença da criação de uma identidade no Brasil novecentista atrelado a ideias raciais e imaginárias a partir de uma busca pelo desconhecido que poderia justificar nossa herança étnico racial, porém para os pesquisadores era vigente acreditar que civilizações tidas como superiores e que estavam sendo enaltecidas naquele momento poderiam estar em nosso sangue, afim de provar que o Brasil tinha seu valor a ser mostrado ao mundo, segundo aquele momento somos o que somos e nos tornamos o





que somos graças aos nórdicos da era viking, aos troianos, gregos, fenícios? (GUTIERREZ, 2022). Apagando assim de certa forma a nossa identidade indígena, negra e pré-histórica tidas como inferiores perto da possibilidade de pertencermos a grupos considerados mais “civilizados”, até mesmo o conceito de Viking foi usado de forma equivocada, pois o viking é atrelado a questão de um ofício na Escandinávia do séc. VIII-XI e não um grupo étnico.

Considerações finais

A importância do IHGB sem dúvida se deu principalmente no fomento de pesquisas ao longo do território brasileiro, pela primeira vez o Brasil entraria em um processo de desbravar suas riquezas e histórias espalhadas nas diversas regiões do território nacional, sendo as áreas de Antropologia, Etnologia, Botânica, Biologia e as práticas naturalistas como suas principais expoentes da construção desta identidade nacional. Contudo a noção de curiosidade e de interesse pelo desconhecido trouxeram aos pesquisadores a tentativa de buscar explicações para a vinda de povos dos quais nunca estiveram em nosso território mas criaram expectativas de que a nação brasileira poderia ter em sua herança povos considerados mais civilizados dos que habitavam aqui, para aqueles pesquisadores descender de um Viking mostraria muito mais coerência de um caráter civilizatório do que de povos de matrizes indígenas e africanas, vistas como inferiores pelos mesmos, a chance de se sentir mais perto do mundo Europeu não iniciou em nosso tempo mas sim foi construída e permaneceu como nossa herança de maior impacto nas questões étnico-raciais.

João Barbosa Rodrigues contribuiu imensamente com seus estudos de botânica e desenho, criando compilados de catalogação de diversas espécies de plantas, animais e artefatos, mas ainda sim caiu pelo gosto das possibilidades de um Brasil fantástico e cheios de mistérios criados a partir dos conceitos sociais desenvolvidos na época e nas pesquisas exploratórias pelo território em busca do desconhecido.

Referências bibliográficas

FERREIRA, Flora e SCOTT A, Mori. **A Distinguished Brazilian Botanist, João Barbosa Rodrigues (1842-1909)**. Brittonia, Vol. 39, N°. 1, pág. 73-85, 1987.

CASTORIADES, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Tradução de Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra, pág. 1-24, 1982.





GUTIERREZ, Márcia. **A mitologia nórdica como mediadora do ensino de história: a compreensão dos conteúdos sobre os vikings nos livros didáticos do pnd 2017-2020 e suas possibilidades de entender o “outro”**. Clube de Autores, 2022, pág. 22-23.

HERMMAN VON, Ihering. **João Barbosa Rodrigues**. Revista do Museu Paulista, São Paulo: Typographia do Diario Official, vol. VIII, 1911, pág. 23-37.

LANGER, Johnni. **Vikings no Brasil?** Nossa História (São Paulo), Biblioteca Nacional, v. 03, n.03, p. 22-25, 2004.

LAPLATINE, Fraçois e TRINDADE, Liana. **O que é imaginário?** Editora Brasiliense, pág. 1- 10, 1997.

VÁRIOS AUTORES. **Saberes e práticas sobre plantas: a contribuição de Barbosa Rodrigues**. Revista Brasileira de História da Ciência, Rio de Janeiro, vol. 5, 2012, pág. 22-30.

Fontes Online:

ARADER GALLERIES. João Barbosa Rodrigues (1842-1909). Disponível em: <<https://aradergalleries.com/collections/joao-barbosa-rodrigues-1842-1909>> Acesso em: 07 de ago. de 2022.

BOUZADA, Maria. História do brasil | debaixo da imediata proteção de s. m. i. - fundação do instituto histórico e geográfico brasileiro (21/10/1838), **Biblioteca Nacional Digital**. 21 de outubro de 2020. Disponível em : <<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/historia-do-brasil-debaixo-da-imediata-protecao-de-s-m-i-fundacao-do-instituto-historico-e-geografico-brasileiro-21-10-1838/>> Acesso em: 07 de ago. de 2022.

DOCS.UFPR. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. In: **Historiografia Brasileira**. Disponível em: <<https://docs.ufpr.br/~coorhis/gilmar/ihgb.html>> Acesso em: 07 de ago. de 2022.

IHGB. ORG. Fundação do Instituto. In: **Histórico**. Disponível em: <<https://www.ihgb.org.br/ihgb/historico/fundacao-instituto.html>> Acesso em: 07 de ago. de 2022.

MULTIRIO.RJ. A Criação do IGHB. Disponível em: <<http://www.multirio.rj.gov.br/historia/modulo02/ighb.html#:~:text=Em%2021%20de%20outubro%20de,%2C%20associaram%2Dse%20de%20imediato>> Acesso em: 07 de ago. de 2022.

